

Profissão: fotógrafo.

Curiosa profissão, esta. A maioria das profissões exige engajamento em determinado assunto. Sapateiro engaja-se em sapatos, construtor civil em casas, cientista em física, ministro no governo. Quanto ao fotógrafo, este se engaja na máquina fotográfica, que não é assunto, mas instrumento. É como se o sapateiro se engajasse em agulhas, o construtor civil em bulldozers, o físico em microscópios, o ministro em papeladas. Ou, para quem considera fotografia como "arte": como se o escultor se engajasse, não na pedra, mas no martelo. Obviamente, ser fotógrafo não é ter profissão como o são as outras. Concentra o interesse do fazer no instrumento, não na obra. E isto por duas razões distintas: (1) A máquina fotográfica é um tipo novo de instrumento, e (2) a fotografia é um tipo novo de obra.

(1) Desde que o homem é homem, recorre a utensílios para modificar o mundo. Os utensílios, (facas, lanças, potes), são prolongamentos do corpo humano, e imitam órgãos do corpo, (dentes, braços, palmas). O homem está cercado por seus utensílios ao enfrentar o mundo. Cercado por "cultura". Com a Revolução industrial, esta situação se transforma. Os utensílios passam pelo crivo da ciência e tornam-se instrumentos de alto custo e de tamanho grande: facas se tornam tornos, lanças foguetes, potes silos. Não mais cercam o homem, mas passam a formarem, eles próprios, centros, (industriais e administrativos). A humanidade se divide em dois: na parte possidora de instrumentos, (capitalistas), e na parte possuída pelos instrumentos, (proletariado). A relação "homem-utensílio" pré-industrial vai ser invertida. O instrumento não mais funciona em função do homem, mas o homem passa a funcionar em função do instrumento, seja ele proletário ou capitalista. A isto se chama "trabalho alienado".

Máquinas fotográficas são instrumentos pós-industriais, aparelhos. Transformam a relação "homem-utensílio" tão radicalmente, que não mais é possível falar-se em "trabalho" no significado tradicional do termo. Isto se deve à sua impenetrável complexidade. São "caixas pretas". Quem recorre a aparelhos, sabe apenas confusamente o que se passa no interior de tal caixa. Sabe manipular apenas seu "input" e "output". Pois os aparelhos tendem a ficarem progressivamente menores e mais baratos. Além de mais eficientes e onipresentes. De maneira que se torna sempre mais fácil e acessível sua manipulação, e sempre mais difícil compreendê-las. Devido à facilidade da manipulação os aparelhos parecem funcionar em função do homem. Devido à sua complexidade parece que o homem funciona em função dos aparelhos. Na realidade, homem e aparelho se co-implicam, e vão formar um amarrado de funcionamento: a máquina funciona em função do fotógrafo, se, e somente se, este funcionar em função da máquina.

Pois o fotógrafo se engaja precisamente em tal amarrado de funcionamento. Quer descobrir, experimentalmente, (e também teoricamente), quais as possibilidades oferecidas por tal co-implicação "homem-aparelho". Para ele, o problema industrial da divisão do trabalho, (quem possui os instrumentos, e quem deve possuí-los?), não mais se coloca. O problema a ser resolvido é o do funcionamento. Quem dominará: será o aparelho quem dominará o homem, ou será o homem quem dominará o aparelho? Tornar-se fotógrafo profissional é procurar resolver este problema.

(2) Desde que o homem é homem, "produz obras", isto é imprime informação sobre pedaços do mundo. Imprime a forma do sapato sobre o couro, a da casa sobre o tijolo.

Tal informação materializada vai ser consumida: a casa ruirá, o sapato sera gasto. Mas enquanto isto não acontecer, a informação é conservada na obra. Isto é o "valor" da obra: ser ela conserva de informação, a qual pode ser materialmente transportada, e trocada por outra. E é possível medir tal "valor" pela escala do dinheiro. Com a Revolução industrial, esta situação se transforma. A informação não mais é diretamente imprimida sobre pedaços do mundo, mas passa pelo crivo da ferramenta. O sapateiro não mais imprime a sua ideia do sapato sobre o couro, mas o engenheiro imprime tal ideia sobre a ferramenta, que a imprime sobre o couro. A ferramenta contém doravante o "modelo" do sapato, da casa pré-fabricada. É a ferramenta que conserva a informação, e a obra passa a ser apenas um múltiplo estereotipado que irradia a informação sobre os consumidores. O valor se transfere da obra para a ferramenta. Por isto as obras industriais ficam progressivamente mais baratas. E o valor se acumula em mãos dos proprietários das ferramentas. Sociedade de consumo é isto. E o valor conservado na ferramenta não é facilmente transportável e trocável. Isto é o problema da "transferência de tecnologias".

Fotografias são obras pós-industriais, informações quase isentas de suporte. O papel que guarda e transporta a informação fotográfica não é verdadeiro suporte. Fotografias são copiáveis de um papel para outro. Negativos não são autênticas ferramentas. São, eles próprios, copiáveis. O "valor" não está nem na fotografia, nem no negativo. Está no ato de fotografar, naquele amarrado de funcionamento. Tal valor não é nem transportável nem trocável, e não pode ser medido em dinheiro. O que mais é, tal valor é, de maneira curiosa, "eterno": jamais será gasta a informação produzida, por ser eternamente copiável. Isto contrasta, paradoxalmente, com a efemeridade do ato fotográfico, e com a efemeridade da fotografia e do negativo.

Pois o fotógrafo está engajado precisamente na produção de tal valor "eterno". Isto é: na efemeridade do seu ato. Está engajado na produção de um máximo de informações, e na produção de informações sempre novas. Com efeito: o fotógrafo executa dança em torno do mundo, para, munido de máquina, produzir um máximo de informações sempre novas a respeito do mundo. Por isto, está ele desinteressado na "obra". Não pretende mudar o mundo, como o faz o trabalho tradicional, mas pretende mudar os outros, dando-lhes informação a respeito do mundo. Para ele, o problema industrial, (como deve ser o mundo?), não mais se coloca. O problema a ser resolvido é o da informação: qual deve ser a atitude do homem informado a respeito do mundo? Tornar-se fotógrafo profissional é procurar resolver este problema.

A profissão fotográfica é curiosa, por ser profissão pós-industrial em contexto ainda industrial, e por não se enquadrar bem em tal contexto. Isto é a razão das dificuldades profissionais com os quais o fotógrafo se confronta.